



LITERATURA COMPARADA: (des)comparar para (re)comparar a partir do idioma brasileiro

LITERATURA COMPARADA: (des)comparar para (re)comparar desde del idioma brasileño

COMPARED LITERATURE: (un)compare to (re)compare from the Brazilian language

Fábio do Vale¹

Resumo: Este ensaio que proponho busca discutir conceitualmente a relação entre a teorização descolonial e a prática crítica da Literatura Comparada, refletindo sobre como essa integração pode gerar novas – não de mesma base – perspectivas comparatistas. A Literatura Comparada, ao longo de sua história, sempre foi aberta a diversas teorizações, permitindo o diálogo com abordagens distintas, como a descolonial. A égide que sugiro nesta criticidade é que uma LITERATURA COMPARADA DESCOLONIAL passa a ser possível se incorporada à prática da (des)comparação, sintetizada na fórmula consciente de uma teorização efetiva cuja fórmula teórica: *comparar para descomparar para re-comparar*, calcada pela visada do intelectual Nolasco e sem repetir os padrões já endossados. Essa prática visa estabelecer uma perspectiva descolonial sólida, fundamentada em uma abordagem que emerge de diversas produções e pensamentos fronteiriços oriundos de diferentes partes do mundo, sobretudo, da América Latina. Essas produções, carregando nuances de uma epistemologia descolonial ou, como prefiro,

¹ Fábio do Vale é Professor e coordenador de pesquisa e iniciação científica da Faculdade Insted. Doutor e pós-doutor em Estudos de Linguagens (UFMS), Membro do NECC: Núcleo de Estudos Culturais Comparados (UFMS) e Coordenador do GPESC – Grupo de Pesquisa em Saberes Contemporâneos. Membro efetivo da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (ASL). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-8713-309X>. E-mail: professorfabioletras@gmail.com.

fronteiriça, não endossam os princípios teóricos de uma Literatura Comparada moderna, como aquela dominante no Ocidente. Este ensaio exuma conscientemente os árduos meandros que devemos percorrer para que a Literatura latino-americana seja estabelecida e vislumbrada como ancoragem liberta e consultiva para os próximos passos da academia que nos reúne na contemporaneidade. É nesse liame epistêmico-científico com o fito de *publicare et propagare* este trabalho que a subjetivação do idioma brasileiro aparece como uma metáfora descolonial, pois, distintamente de Portugal, ao (re)comparar nossa fortuna crítica percebo que *corpus* e corpos dos nossos Brasis conclamam a materialidade idiomática da nossa discursiva-língua ser, por ordem descolonial, o idioma brasileiro.

Palavras-chave: Literatura Comparada; América Latina; Idioma brasileiro.

Abstract: This essay seeks to conceptually discuss the relationship between decolonial theorizing and the critical practice of Comparative Literature, reflecting on how this integration can generate new - not equally based - comparative perspectives. Throughout its history, Comparative Literature has always been open to diverse theorizations, allowing for dialogue with different approaches, such as the decolonial one. The aegis I suggest in this critique is that a DECOLONIAL COMPARED LITERATURE becomes possible if it incorporates the practice of (de)comparison, synthesized in the conscious formula of an effective theorization whose theoretical formula: compare to decompare to re-compare, based on the vision of the intellectual Nolasco and without repeating the patterns already endorsed. This practice aims to establish a solid decolonial perspective, based on an approach that emerges from various border productions and thoughts from different parts of the world, especially Latin America. These productions, carrying nuances of a decolonial or, as I prefer, border epistemology, do not endorse the theoretical principles of a modern Comparative Literature, such as the one dominant in the West. This essay consciously explores the arduous intricacies that must be overcome if Latin American Literature is to be established and seen as a free and consultative anchor for the next steps of the academy that brings us together in contemporary times. It is in this epistemic-scientific bond with the aim of *publicare et propagare* this work that the subjectivization of the Brazilian language appears as a decolonial metaphor, because, unlike Portugal, when (re)comparing our critical fortune I realize that the *corpus* and bodies of our Brazils call for the idiomatic materiality of our discursive-language to be, by decolonial order, the Brazilian language.

Keywords: Comparative literature; Latin America; Brazilian language.

Resumen: Este ensayo pretende discutir conceptualmente la relación entre la teorización decolonial y la práctica crítica de la Literatura Comparada, reflexionando sobre cómo esta integración puede generar nuevas perspectivas comparativas, no igualmente fundamentadas. A lo largo de su historia, la Literatura Comparada siempre ha estado abierta a diversas teorizaciones, permitiendo el diálogo con diferentes enfoques, como el decolonial. La égida que sugiero en esta crítica es que una LITERATURA COMPARADA DESCOLONIAL se hace posible si incorpora la práctica de la (des)comparación, sintetizada en la fórmula consciente de una teorización efectiva

cuya fórmula teórica: comparar para descomparar para recomparar, basada en la visión del intelectual Nolasco y sin repetir los patrones ya refrendados. Esta práctica pretende establecer una sólida perspectiva decolonial, basada en un enfoque que emerge de diversas producciones y pensamientos fronterizos de diferentes partes del mundo, especialmente de América Latina. Estas producciones, portadoras de matices de una epistemología decolonial o, como prefiero, fronteriza, no avalan los principios teóricos de una Literatura Comparada moderna, como la dominante en Occidente. Este ensayo explora conscientemente los arduos meandros por los que tenemos que pasar para que la Literatura Latinoamericana se establezca y sea vista como un ancla libre y consultiva para los próximos pasos de la academia que nos reúne en la contemporaneidad. Es en este vínculo epistémico-científico con el objetivo de *publicare et propagare* este trabajo que la subjetivación de la lengua brasileña aparece como una metáfora decolonial, porque, a diferencia de Portugal, al (re)comparar nuestra fortuna crítica me doy cuenta de que el *corpus* y los cuerpos de nuestros brasileños exigen que la materialidad idiomática de nuestra lengua-discursiva sea, por orden decolonial, la lengua brasileña.

Palabras clave: Literatura comparada; América Latina; lengua brasileña.

FALO BRASILEIRO: falar brasileiro é (des)comparar

“Lo bonito de jugar, su gran placer, tal vez radique no en la soberanía de quien juega con algo sino, más bien, en la posibilidad de que — al compartir — el juego cobre vida y empiece a jugar con nosotros. Porque nos jugamos la vida en algunos pensamientos, y algunos pensamientos se juegan en vida. Y, aunque muchas veces no se escriban o no se puedan escribir, esos pensamientos del juego cotidiano que implica vivir, pintan el paisaje que llevamos dentro gravitando por el suelo (o los suelos) que habitmos.”

Facundo Giulliano. ¿Podemos pensar los no-europeos?, p. 18.

A proposta deste artigo é explorar a intersecção entre a teorização descolonial e a prática crítica da Literatura Comparada utilizando as contribuições de Edgar Cézár Nolasco, Eneida Maria de Souza e Silviano Santiago para afinar o que tenho discernido como políticas para uma literatura comparada descolonial. A Literatura Comparada, ao longo de sua trajetória, sempre foi permeável a diversas abordagens teóricas, contudo, restrita ao mesmo, não permitindo – quase sempre – um diálogo com perspectivas descoloniais. Essa proposição traz a indumentária valorosa de que a LITERATURA COMPARADA DESCOLONIAL se torna viável quando incorporada à prática da (des)comparação, sintetizada na fórmula “comparar para descomparar para re-comparar”. Essa abordagem, segundo Nolasco – o que concordo – não se limita a repetir padrões já estabelecidos, mas busca uma crítica que desestabilize as narrativas dominantes, promovendo uma

leitura que emerge de contextos diversos, especialmente da América Latina (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 2018).

Para (re)pensar a política (des)comparada que vislumbro, julgo por decisão crítica que preciso me aproximar da intelectual brasileira Eneida Maria de Souza para percorrer – o consciente caminho que elejo e proponho para sobressair ao lócus que a nossa fortuna crítica – majoritariamente – se encontra. Eneida enfatiza a importância de se abrir para o campo epistemológico da geopolítica na Literatura Comparada e argumenta que as disciplinas são pautadas pelo decurso da história, com suas variações e movimentos contínuos, o que implica que a Literatura Comparada deve se adaptar às transformações culturais e sociais contemporâneas. A crítica de Eneida destaca a necessidade de circunscrever princípios metodológicos que permitam uma interpretação mais ampla e inclusiva, reconhecendo a fertilidade e a heterogeneidade das propostas analíticas, rasgo para o que tenho cunhado como políticas para literatura comparada descolonial. Essa abertura é fundamental para a construção de uma Literatura Comparada Descolonial que valorize também as vozes e narrativas subalternas.

Doutra feita, também por decisão, elegi para este ensaio a criticidade do autor intelectual mineiro Silvano Santiago (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 2016) para buscar instrumentos que também me façam chegar ao ponto do toco que desejo alcançar, que almejo subir. Por essa assimetria contemporânea que me tira a criticidade epistêmica e cultural, saliento que em sua obra *Fisiologia da Composição*, Santiago também contribui para essa discussão ao afirmar que a leitura da obra literária pode se dar ao final do túnel da criação, ou à porta do túnel da criação. Essa metáfora sugere que a compreensão de um texto deve considerar o processo criativo, seus partícipes, meio e não apenas o produto final. Santiago elucida essa percepção e propõe que a crítica literária deve se distanciar de uma abordagem estática e adotar uma perspectiva dinâmica que reconheça a complexidade da produção literária. Ele critica – o que também vislumbro – a tendência de ler obras como acabadas, defendendo que ler um texto como acabado é bem díspar de se ler um texto como/em construção. Essa visão me parece interessante para a prática da Literatura Comparada, que deve se esforçar para descolonizar suas abordagens e reconhecer as múltiplas camadas de significado presentes nos textos. Destaco esses pontos pela distinta oportunidade que tive em escrever um capítulo de livro dedicado à sua biografia, bem como, tendo podido conhecê-lo e dialogar com o vencedor do Prêmio Camões quando estive em

Salvador, Bahia, no congresso internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada.

Nesse liame, saliento que a integração dos debates entre Nolasco, Souza e Santiago aqui arrolados me quantifica possibilidades e saberes que me levam a pensar na sugestão de uma política da Literatura Comparada Descolonial, que se distancia das tradições eurocêntricas e busca um espaço representativo quando aqui me refiro a uma comparada que vangloria narrador e não narrativas, foco narrativo e não partícipes da sociedade em suas mazelas. Insisto que essa política não apenas desafia as estruturas hegemônicas, mas também promove um diálogo entre diferentes culturas e epistemologias, permitindo que novas mensurações sejam ouvidas e valorizadas. A Literatura Comparada Descolonial, portanto, pode ser – como aqui se apresenta e sugiro – uma resposta crítica às narrativas dominantes propondo um espaço de reflexão e diálogo que enriquece o campo literário e aqui, mais uma vez, saliento que (des)comparar me parece (re)comparar a diferença dos *corpus* partícipes, ou seja, de onde a enunciação é responsiva e deve ser creditada.

É importante ressaltar que a prática da (des)comparação, conforme proposta por Nolasco, não se limita a uma simples comparação entre textos, mas envolve um processo de (re)construção e (re)contextualização que permite uma leitura mais profunda, biográfico-inscritível, sensível e crítica. Essa prática deve ser fundamentada em uma epistemologia descolonial, que reconhece e valoriza as experiências e saberes das culturas (QUIJANO, 2005, p. 121) marginalizadas. A abordagem descolonial, como tenho sugerido aqui, passa a ser essencial para a construção de uma Literatura Comparada que não apenas compare, mas que também desestabilize e (re)contextualize as narrativas literárias e, sobretudo, o ponto de partida dessas narrativas, muitas vezes frívolas, e dotadas do que posso chamar de (pseudo)ficcionalidades.

A partir desse entroncamento – onde o corpo investigativo parece estar atolado no brejo da hegemonia – a subjetivação metafórica que proponho ao (des)comparar nossos colonialismos latinos e pensar o idioma brasileiro, parece-me formidável, pois, assim como muitos brasileiros sabem que não verbalizamos com a culturalidade luso-européia, esses ainda não decidiram que nosso idioma deve ser o brasileiro, pois, também tensionam que o idioma do país é patrimônio cultural, contudo, defende-se um lusitanismo que não professamos, nesse óptico-rito crítico, falar brasileiro, passa a ser uma forma (des)comparada de se vislumbrar as

naus que ainda não visualizamos. Nessa ferida que assumo por fugir dessa convencionalidade retórica, decido como pesquisador e homem fronteiro (DO VALE, 2022, p. 42) que ao decidir falar brasileiro, significa, na métrica formulada por Nolasco, decidir (re)conhecer a diferença e produzir na diferença. O reconhecimento da materialidade idiomática da língua brasileira é um passo importante para a construção dessa leitura cuja Literatura Comparada aponta as especificidades culturais e históricas do Brasil e do restante da América Latina (QUIJANO, 2005, p. 117). Essa valorização é – sobremaneira – caríssima para a formação de um campo literário onde a justiça comparatista é exercida com responsabilidade e, portanto, falar brasileiro me parece um prudente exercício para se (des)comparar o *modus operandi* endossado secularmente.

(DES)COMPARAR: literatura por visadas *outras*

É nesse liame epistêmico-científico com o fito de *publicare et propagare* este trabalho que a subjetivação do idioma brasileiro aparece como uma metáfora descolonial, pois, distintamente de Portugal, ao (re)comparar nossa fortuna crítica percebo que *corpus* e corpos dos nossos Brasis conclamam a materialidade idiomática da nossa discursiva-língua ser, por ordem descolonial, o idioma brasileiro. Falar o idioma brasileiro é decidir fazer uma política comparada descolonial, pois, ainda se intitula a língua portuguesa como nossa matriz dialética, contudo, os próprios portugueses habitam suas criticidades nessa diferença, logo, falar brasileiro é (des)comparar o que está posto em nossa fortuna crítica e, sobretudo, como toda essa tensão é dimensionada, ensinada no ensino superior (DO VALE, 2022, p. 48) latino-americano.

A Literatura Comparada Descolonial passa a surgir como uma alternativa crítica que busca romper com os padrões estabelecidos pela Literatura Comparada moderna, incorporando uma perspectiva descolonial – que não conceitua por moldes – e que valoriza as produções e pensamentos fronteiriços (NOLASCO, 2015, p. 59), especialmente da/na América Latina. Essa abordagem propõe uma prática da (des)comparação, que consiste em comparar, descomparar e re-comparar, visando estabelecer uma perspectiva descolonial sólida e liberta dos princípios teóricos dominantes no Ocidente (NOLASCO, 2015, p. 70) e como quero dizer, uma crítica fronteira onde o suor exprimido na borda que habitamos

seja o combustível para (des)comparar os corpos partícipes das efusividades que nos circunscreve.

A subjetivação do idioma brasileiro aqui neste ensaio é uma metáfora descolonial que evidencia a necessidade de (re)comparar nossa fortuna crítica e reconhecer a materialidade idiomática da nossa discursiva-língua como idioma brasileiro. Falar brasileiro passa a ser um ato político de (des)comparação, que questiona a hegemonia da língua portuguesa e valoriza as diferenças e criticidades presentes em nossa literatura. Esse fato se dá não por querer (des)comparar por qualquer afastamento com o colonizador, mas de se manifestar onde nosso corpo idiomático brasileiro não representa o descortinar luso-europeu e, nesse preciso sentido, abrasileirar passa a ser um verbo de ordem epistemológica e cultural (QUIJANO, 2005, p. 117) para se pensar essa política da (des)comparação.

A Literatura Comparada Descolonial parece – o que vejo e corroboro – propor uma ruptura epistemológica com os modelos dominantes e uma abertura para a diversidade de produções e pensamentos fronteiriços². Essa abordagem visa estabelecer uma ancoragem liberta e consultiva para a academia contemporânea, que deve estar atenta aos árduos meandros que permeiam a literatura latino-americana. Por mesmo modo, digo e estabeleço que a libertação não significa fugir do que está posto, mas (re)qualificar – se necessário – de forma sinestésica pela sobreposição do texto pelo texto, mas pelos corpos que se roçam enquanto personagens das tensões sociais que trompamos em ruas-sem-saídas.

A proposta de Edgar César Nolasco, sintetizada na fórmula: comparar para descomparar para re-comparar, oferece uma perspectiva coerente para a prática da Literatura Comparada, especialmente quando vista sob uma ótica descolonial. Nolasco sugere que a comparação deve ir além de uma simples análise de semelhanças e diferenças entre textos; ela deve envolver um processo crítico que (des)pensa as bases coloniais das comparações tradicionais para, em seguida, reconstruí-las a partir de novas criticidades que considerem os corpos e agentes envolvidos. Essa abordagem exige uma reflexão sobre as fronteiras (NOLASCO, 2015, p. 57) do formalismo, propondo que a literatura comparada se estabeleça

² Aqui me refiro ao pensamento que não parte de um grande centro do poder, logo, pensamento fronteiriço não pela questão limítrofe-geográfica, mas pela égide do ponto de partida e, por assim dizer, do lócus de enunciação.

nas bordas desse formalismo, onde as estruturas rígidas podem ser questionadas e transformadas.

Para esse recorte efusivo-epistêmico, arrolo também para este debate o autor da primeira epígrafe deste ensaio, Facundo Giurlano, em que suas reflexões sobre a literatura, calcifica pedras para o trânsito que nos leva à sondagem e aplicação da comparada descolonial que estou exercitando. O pesquisador argentino destaca a importância de considerar as vozes e as experiências dos sujeitos subalternizados. Para Giurlano, é fundamental que, para se romper com a tradição impositiva eurocêntrica que domina, é necessário permitir que novas narrativas e epistemologias emergam. Ao (des)comparar, é possível desmontar as hierarquias estabelecidas e, ao re-comparar, construir novas conexões que valorizam histórias e culturas marginalizadas. Giurlano reforça que o processo deve estar atento às especificidades culturais e históricas da América Latina (DO VALE, 2022, p. 50), um espaço marcado pela diversidade e pela resistência, por isso, por ordem latino-americana, estabeleço este diálogo fluente com os demais colegas da academia latina.

Também em diálogo epistêmico com o pesquisador e professor argentino Walter Dignolo, recordo que em sua obra *Habitar la Frontera*, o autor aborda a ideia de viver nas fronteiras como uma metáfora para a prática descolonial. Dignolo argumenta que a fronteira é um espaço de encontro e confronto, onde diferentes epistemologias podem coexistir e se desafiar. Nolasco, ao propor a prática da (des)comparação, ecoa essa ideia ao sugerir que a Literatura Comparada deve habitar as bordas do formalismo, onde as normas e convenções podem ser questionadas. Dignolo acredita que esse é o caminho para descolonizar o pensamento e abrir espaço para novas formas de conhecimento que emergem das margens, em oposição ao centro-hegemônico.

De tão igual modo de estímulo para o salto libertador, o professor Enrique Dussel, filósofo argentino, também oferece uma base teórica relevante para a compreensão da política que estamos construindo para uma literatura comparada descolonial. Dussel propõe uma ética da libertação que desafia as estruturas de poder e dominação impostas pelo colonialismo. Nesse prisma, saliento que a prática da (des)comparação de Nolasco ressoa com a necessidade de criar um espaço literário que seja ético e inclusivo, onde as vozes dos oprimidos sejam ouvidas e também valorizadas. A literatura comparada, sob essa ótica, não é

apenas um exercício acadêmico, mas um ato político que busca transformar as relações de poder que moldam o campo literário.

Do Peru, o professor latino-americano Aníbal Quijano, com sua obra sobre a colonialidade do poder, traz à luz a persistência das estruturas coloniais nas sociedades contemporâneas. Ele argumenta que a colonialidade não desapareceu com o fim do colonialismo formal, mas continua a influenciar as relações sociais, culturais e econômicas. Nesse liame, reitero que a proposta de Nolasco de descomparar pode ser vista como uma forma de desafiar essa colonialidade, ao questionar as bases sobre as quais as comparações literárias têm sido feitas. A re-comparação passa a sugerir a possibilidade de construir novas relações, que não sejam fundamentadas na lógica colonial.

A América Latina (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 220), nesse contexto, se apresenta como um laboratório vital para a pesquisa descolonial. É uma região marcada por uma história de colonização, mas também de resistência e reinvenção cultural (QUIJANO, 2005, p. 136). As diferentes experiências de povos, corpos e raças que compõem a América Latina oferecem uma riqueza de material para a prática da Literatura Comparada Descolonial. Nolasco, ao propor sua fórmula, enfatiza a importância de considerar essas experiências em qualquer análise comparativa, reconhecendo a centralidade da América Latina como um espaço de produção de conhecimento descolonial.

Além disso, o foco na América Latina (DUSSEL, 2000, p. 52) como um laboratório de pesquisa enfatiza a necessidade de uma abordagem que seja sensível às especificidades regionais. As produções literárias latino-americanas, muitas vezes marginalizadas no cânone literário global, oferecem perspectivas únicas que desafiam as narrativas dominantes. A prática da (des)comparação, como proposta por Nolasco, permite que essas vozes sejam não apenas ouvidas, mas também integradas de forma significativa no campo da Literatura Comparada, contribuindo para uma compreensão mais ampla e equânime da literatura mundial.

Os autores arrolados como Giuliano, Mignolo, Dussel e Quijano, fornecem um arcabouço teórico que apoia a ideia de uma política descolonial para a literatura comparada que desfruto em consonância com Nolasco. Eles destacam a necessidade de romper com as tradições eurocêntricas e de valorizar as epistemologias que emergem das margens, especialmente da América Latina (MIGNOLO, 2008, p. 314). A proposta de Nolasco de comparar para descomparar

para re-comparar se alinha com essa visão, sugerindo uma prática crítica que não apenas questiona, mas também reimagina as relações literárias e culturais. Por essa feita, tenho consciência que muitos dos autores que elegi e instaurei para este debate não comunicam seus trabalhos diretamente com/na literatura comparada, mas, indubitavelmente, auxiliam na reflexão que tenho proposto ajudando a pavimentar o caminho que estamos percorrendo.

Esse ensaio encontra saídas em que a ordem fronteira de Nolasco nos convida a repensar a própria noção de comparação na literatura. Ao enfatizar a importância de considerar corpos e agentes no processo comparativo, ele nos lembra que a literatura não é apenas um conjunto de textos, mas também um campo de poder e resistência. A prática da (des)comparação oferece uma ferramenta singular para desconstruir as hierarquias estabelecidas e para construir novas formas de conhecimento que sejam mais justas e liberais, refletindo a diversidade e a complexidade do mundo literário contemporâneo. Pensemos que a literatura comparada (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 2015) é uma ferramenta para que o exercício comparatista seja contemplativo, ora no viés cultural, ora no enfoque do indivíduo e o meio em que esse está inserido e habita como subsistente forma-vital, por isso, pensar a comparada descolonial é falar brasileiro.

120

A expressão “falar brasileiro”, aqui sugerida como conceito, pode ser compreendida como um sinônimo de literatura comparada descolonial, uma vez que se propõe a ressignificar a produção literária na América Latina (QUIJANO, 2005, p. 125), frequentemente rotulada como a escória da sociedade mundial. A literatura, quando (des)comparada sob essa ótica, revela-se como um espaço fértil para a reinterpretar as narrativas contemporâneas, permitindo que vozes historicamente marginalizadas sejam ouvidas. Este exercício de “falar brasileiro” implica em um compromisso com a pluralidade e a diversidade cultural, desafiando os paradigmas eurocêntricos que há muito dominam o campo literário.

O conceito da crítica biográfica fronteira (NOLASCO, 2015, p. 59) oferece uma lente valiosa para essa discussão. Nolasco, ao explorar as interseções entre vida e lugar, por meio do biolocus, convida-nos a considerar como as experiências pessoais moldam a produção literária. Sua abordagem ressalta a importância de entender os contextos socioculturais que influenciam os autores latino-americanos, permitindo uma leitura mais robusta e nuançada de suas obras. Assim, “falar brasileiro” se torna um ato de resistência e afirmação identitária no exercício da comparada descolonial.

Por essa enseada que percorro, resgato que Silviano Santiago, com suas grafias-de-vida (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 2019), também contribui para essa reflexão. Suas obras revelam a complexidade das identidades brasileiras, desafiando as narrativas monolíticas que frequentemente predominam na literatura. Santiago propõe uma escrita que não apenas narra, mas também questiona e desconstrói as hierarquias estabelecidas. Através de sua perspectiva, a literatura comparada descolonial se torna um espaço de diálogo e intercâmbio, onde diferentes vozes podem se encontrar e se confrontar.

Nesse mesmo bojo de pavimentação para onde queremos chegar, ressalto e estabeleço com vontade consciente que a intelectual Eneida Maria de Souza, em seus estudos literários, amplia essa discussão ao enfatizar a necessidade de um diálogo aberto entre as teorias literárias e as práticas culturais. Sua crítica aponta para a importância de transcender as fronteiras disciplinares, permitindo que a literatura se conecte com saberes de outras áreas, como a sociologia, educação e a filosofia. Essa abordagem holística é fundamental para que a literatura comparada descolonial possa florescer, pois reconhece a interdependência entre as diferentes formas de conhecimento (DUSSEL, 2000, p. 174).

No contexto da América Latina (MIGNOLO, 2008, p. 308), a literatura assume um papel crucial na construção de identidades e na resistência a narrativas hegemônicas. Ao “falar brasileiro”, tenho a oportunidade de reimaginar histórias e reivindicar espaços no cenário global por nossa América Latina (QUIJANO, 2005, p. 129) e por aqueles que não o fazem. Essa reinterpretação é essencial, pois permite que as vozes marginalizadas se tornem protagonistas de suas próprias narrativas, desafiando a visão eurocêntrica que frequentemente as silencia.

A literatura comparada descolonial, portanto, não deve ser regida apenas por análises textuais, mas deve contemplar a multiplicidade de saberes que permeiam a produção literária. Essa perspectiva exige uma abertura para o diálogo interdisciplinar, onde a literatura se entrelaça às questões sociais, políticas e filosóficas. Assim, o “falar brasileiro” se transforma em um convite à reflexão crítica e à construção de novas narrativas.

Através dessa seara, podemos perceber que a literatura não é um campo isolado, mas um espaço de intersecção entre culturas e saberes. A prática comparatista deve, portanto, ser um exercício de escuta e acolhimento, onde as diferenças são celebradas e as vozes silenciadas são finalmente ouvidas. Esse movimento de (des)comparação é fundamental para a construção de uma literatura

(DUSSEL, 2000, p. 182) verdadeiramente representativa a partir e com os bradares do cone-sul.

Em suma, “falar brasileiro” como sinônimo de literatura comparada descolonial nos convida a repensar as narrativas literárias à luz de uma crítica que reconhece a complexidade das identidades latino-americanas. Ao integrar as contribuições de autores como Nolasco, Santiago e Souza, podemos vislumbrar um futuro em que a literatura não apenas reflita, mas também ative mudanças sociais e culturais. Essa é a essência de uma literatura que se recusa a ser confinada a categorias estreitas, abrindo-se para o mundo (DUSSEL, 2000, p. 33) em toda a sua diversidade e riqueza.

Falar brasileiro, em uma acepção descolonial, configura-se como um exercício de literatura comparada que desafia os cânones-tradicionais e subverte as hierarquias impostas pelo colonialismo intelectual. Quando utilizamos a expressão conceitual “falar brasileiro”, não nos referimos apenas à utilização do português em sua variante nacional linguística, mas a uma prática discursiva que interroga e ressignifica o saber literário a partir das margens, insurgindo-se contra a hegemonia epistemológica ocidental. Tal prática, arraigada no conceito de *decolonialidade*, propõe uma revisão crítica das narrativas que relegaram a América Latina (MIGNOLO, 2008, p. 302) à condição de periferia global, reposicionando-a como um espaço produtor de conhecimento e identidade cultural para aqueles que de forma frívola ainda perceba esse imbricamento.

122

Nesse contexto, a literatura comparada descolonial emerge como uma ferramenta poderosa para romper com as amarras do eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 129). Ao falarmos brasileiro, inserimos as múltiplas vozes e experiências latino-americanas na arena literária global, não mais como subalternas, mas como protagonistas de uma história própria que é configurada e narrada pelos corpos que experienciaram esses trâmites que não permitem o secamento das feridas coloniais abertas que sangram, infeccionadas pelo vírus hegemônico do poder. A (des)comparação, como proposta por Edgar César Nolasco, implica em um gesto de ruptura com as normas impostas pelas metrópoles colonizadoras, ao mesmo tempo que promove uma leitura fronteira, onde os textos literários são analisados à luz de contextos sociais, históricos e culturais específicos, que transcendem as categorias de análise convencionais.

Por isso a decisão de pavimento esse espaço me servindo do combustível intelectual de Silviano Santiago, que ao propor as grafias-de-vida, amplia o

escopo da literatura comparada (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 2016), integrando à análise literária elementos biográficos e históricos que enriquecem a compreensão das obras. Essa metodologia revela como a vida dos autores e seus contextos de produção influenciam profundamente a tessitura dos textos, oferecendo uma visão mais holística e dialógica da literatura. Falar brasileiro, nesse sentido, é reconhecer e valorizar essas influências, propondo uma leitura que acolha a complexidade das identidades latino-americanas e suas trajetórias singulares.

Este ensaio busca – por meio de conexões intelectuais – fomentar o caminho percorrido por mim para trazer essa contribuição à nossa literatura latino-americana. Por essa (des)razão, a professora intelectual Eneida Maria de Souza, por sua vez, contribui com uma crítica literária que ultrapassa as fronteiras textuais, incorporando perspectivas sociológicas, filosóficas e educacionais. Sua abordagem interdisciplinar sugere que o fazer comparatista não deve restringir-se à análise textual em si, mas deve abarcar os saberes que perpassam e dialogam com a literatura (DUSSEL, 2000, p. 433). Falar brasileiro, assim, é também um ato de resistência, onde a literatura se entrelaça com outras áreas do conhecimento, construindo uma epistemologia descolonial que desafia as estruturas rígidas da academia. Mais uma vez, preciso destacar que alguns dos colegas eleitos para esse diálogo não comparam descolonialmente, assumo e respeito suas criticidades, mas (re)conhece que esses me levam a celebrar a face comparatista da forma-maneira que estamos propondo.

No cenário da contemporaneidade, a literatura brasileira, quando reinterpretada por meio da lente descolonial, revela-se como um espaço de contestação e de reinvenção. Falar brasileiro torna-se, portanto, uma prática que desafia a ordem estabelecida, ao propor uma nova forma de leitura que valoriza as vozes marginalizadas e questiona as narrativas dominantes. A partir dessa perspectiva, a América Latina (MIGNOLO, 2008, p. 295), muitas vezes reduzida a um “terceiro mundo”, pode reconfigurar-se como um lócus de produção cultural vibrante e inovador.

É nesse contexto que a crítica biográfica fronteiriça, conforme discutida por Edgar César Nolasco, encontra relevância. Sua abordagem enfatiza as tensões e contradições que permeiam a experiência de autores que habitam as margens do mundo globalizado, revelando como suas obras dialogam com múltiplos contextos e tradições. Falar brasileiro, nessa perspectiva, é também um exercício de

reconhecimento dessas tensões, que se manifestam tanto no texto literário quanto nas biografias dos escritores.

A (des)comparação proposta por Nolasco implica em um deslocamento da centralidade europeia, permitindo que a literatura latino-americana seja lida em seus próprios termos, sem as lentes distorcidas do colonialismo. Falar brasileiro, nesse sentido, é um ato de subversão, onde a literatura deixa de ser vista como um reflexo da cultura europeia e passa a ser compreendida como uma manifestação autônoma, rica em significados e potencialidades. Nesse ínterim, por exemplo, resgato Antonio Candido como elementar peça da crítica literária brasileira, mas que, por questões cronológicas não daria conta de algumas tensões propostas, o que não o minora com grande nome da literatura brasileira responsável, consciente e ética. Nessa mesma visada, Jorge Luis Borges na Argentina, também nos serve de massa asfáltica para pavimentação descolonial, pois, são componentes inegáveis da nossa missão degrau-a-degrau ao sol latino-americano do fazer descolonial.

Ao integrar a filosofia, a sociologia e a educação à literatura comparada, Eneida Maria de Souza nos convida como hábil professora mineira a pensar o fazer literário de forma mais abrangente e consciente. Por isso decidi pensar o conceito do nosso idioma epistêmico descolonial, com o falar brasileiro sendo, portanto, um convite à interdisciplinaridade, onde a literatura não é apenas um fim em si mesma, mas um ponto de partida para uma reflexão mais ampla sobre a condição humana e as dinâmicas sociais.

Nesses meandros, ao falarmos brasileiro, reivindicamos o direito de reinterpretar a literatura a partir de nossas próprias perspectivas, desafiando as imposições coloniais e construindo um saber que seja, ao mesmo tempo, local e universal. A literatura comparada descolonial, nesse sentido, é uma prática de resistência, onde a palavra se torna uma ferramenta de transformação e de afirmação da identidade latino-americana e, por ser um ser um novel exercícios, retomo incansáveis vezes essa abordagem neste ensaio.

Assumo e quero pensar que a literatura comparada descolonial emerge como um conceito fundamental para a compreensão do “falar brasileiro”, um ato de resistência e reinvenção que busca dar originalidade às práticas literárias herdadas. Ao adotarmos essa perspectiva, não apenas reavaliamos as tradições que nos foram ensinadas, mas também desafiamos a crítica contemporânea que frequentemente ignora as especificidades culturais e sociais da América Latina

(QUIJANO, 2005, p. 135). Enrique Dussel, em suas reflexões sobre a filosofia da libertação, afirma que “a descolonização não é um ato de violência, mas um processo de reconstituição da identidade” (DUSSEL, 2015, p. 45). Essa afirmação ressoa profundamente na literatura, onde a identidade cultural se torna um campo de batalha necessário em que a vitória ser-nos-á concedida quando corpos que sangram também sejam escutados.

Pensar a obra literária como uma mera peça técnica é, portanto, um desserviço à literatura comparada. Essa visão reducionista ignora a riqueza das narrativas que emergem de contextos históricos e sociais diversos. Edgar Cézár Nolasco, ao discutir a crítica biográfica fronteiriça, enfatiza que a literatura deve ser vista como um reflexo das experiências vividas, não apenas como um produto estético (NOLASCO, 2015, p. 57). Essa abordagem permite que a literatura se torne um veículo de expressão autêntica, onde as vozes marginalizadas encontram espaço para se manifestar.

A literatura comparada descolonial nos convida a reexaminar as práticas literárias sob uma nova luz, reconhecendo que a originalidade não reside na imitação de modelos eurocêntricos (DUSSEL, 2000, p. 19), mas na valorização das particularidades locais. Aníbal Quijano, em suas análises sobre a colonialidade do poder, argumenta que “a descolonização implica não apenas a libertação política, mas a reconstrução das formas de conhecimento” (QUIJANO, 2000, p. 23). Essa reconstrução é essencial para que a literatura latino-americana possa se afirmar como um campo autônomo e relevante no cenário global.

Ao falarmos brasileiro, estamos, portanto, engajados em um processo de (re)significação que desafia as normas estabelecidas. Esse movimento não se limita à literatura, mas se estende a todas as formas de expressão cultural. A literatura comparada descolonial se torna, assim, uma prática que busca integrar saberes de diversas disciplinas, como sociologia, educação e filosofia, criando um diálogo interdisciplinar que enriquece a análise literária.

Além disso, a crítica contemporânea deve reconhecer que a literatura não pode ser reduzida a uma mera técnica de escrita de textos literários divididos em gêneros. A complexidade das narrativas literárias exige uma abordagem que considere as interações sociais, políticas e históricas que as moldam. A proposta de Dussel de uma filosofia da libertação nos instiga a pensar a literatura como um espaço de resistência e transformação, onde as vozes oprimidas podem se afirmar.

A literatura comparada descolonial, portanto, não é apenas uma nova abordagem crítica, mas um convite à reflexão profunda sobre a identidade cultural latino-americana. Ao falarmos brasileiro, estamos desafiando as narrativas dominantes e propondo uma reinterpretação que valoriza a diversidade e a pluralidade. Essa perspectiva é essencial para que possamos compreender a literatura como um campo dinâmico e em constante evolução.

O papel da literatura na construção de identidades é inegável. Nelas, as experiências vividas se entrelaçam com as narrativas coletivas, criando um espaço onde a memória e a história se encontram. A crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015, p. 65) nos lembra que cada texto literário é uma janela para a vida de seu autor e de sua época. Essa janela nos permite vislumbrar não apenas o passado, mas também as possibilidades de um futuro mais inclusivo.

Assim, a literatura comparada descolonial se torna um espaço de resistência, onde as vozes silenciadas podem finalmente ser ouvidas. A originalidade das práticas literárias latino-americanas reside na capacidade de dialogar com o passado, ao mesmo tempo em que se projeta para o futuro. Essa dinâmica é essencial para que possamos construir uma literatura que reflita a complexidade de nossas identidades. Ao falarmos brasileiro, estamos engajados em um ato de (re)afirmação cultural e, sobretudo, original. A literatura comparada descolonial nos oferece as ferramentas necessárias para reinterpretar nossas narrativas e reivindicar nosso lugar no mundo. Essa reinterpretação não é apenas um exercício acadêmico, mas um compromisso ético com a diversidade e a inclusão.

A literatura, portanto, deve ser vista como um campo de luta e resistência, onde as vozes marginalizadas encontram espaço para se manifestar. A proposta de uma literatura comparada descolonial é, assim, um convite à reflexão crítica e à construção de novas narrativas que desafiem as hierarquias estabelecidas. Essa é a essência do “falar brasileiro”.

Enrique Dussel nos oferece uma base teórica sólida para essa reconfiguração do saber literário. Ao questionar a centralidade do pensamento europeu, ele nos convida a “superar o eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 123), que se impôs sobre a humanidade como o único modo legítimo de conhecer e interpretar o mundo” (DUSSEL, 2005, p. 32). Falar brasileiro, nesse sentido, é um ato de resistência intelectual, onde a literatura comparada descolonial se posiciona contra as narrativas dominantes, oferecendo novas possibilidades interpretativas que valorizam as vozes e experiências subalternas (NOLASCO, 2015, p. 61).

A obra literária, quando tratada de forma descontextualizada, perde sua força transformadora e crítica. Falar brasileiro implica em revalorizar essas obras, reconhecendo nelas a capacidade de questionar e subverter as estruturas de poder. Aníbal Quijano, ao discutir a colonialidade do poder, afirma que “é necessário descolonizar o saber para libertar as subjetividades que foram oprimidas por séculos de dominação colonial” (QUIJANO, 2000, p. 72). Essa descolonização passa, necessariamente, pela reinterpretação da literatura, que deve ser vista como um espaço de luta e de afirmação identitária.

A literatura comparada descolonial para a oferecer uma metodologia que vai além da análise textual tradicional, incorporando contextos históricos, sociais e culturais que dão vida e profundidade às obras. Essa abordagem, ao mesmo tempo que desafia os cânones estabelecidos, abre caminho para uma leitura mais rica e complexa, onde as vozes marginalizadas podem finalmente ser ouvidas e reconhecidas.

Nesse processo, a crítica literária deve assumir um papel ativo, questionando as bases epistemológicas sobre as quais se constrói o saber literário. Falar brasileiro é, em última instância, um convite à reflexão crítica, onde a obra literária é compreendida em sua totalidade, incluindo as tensões e contradições que a permeiam. Enrique Dussel nos lembra que “a descolonização do saber é um processo que exige uma constante revisão crítica das nossas práticas e conceitos” (DUSSEL, 2005, p. 37), e é exatamente isso que a literatura comparada descolonial propõe.

Ao revalorizar a literatura comparada descolonial, estamos também promovendo uma revisão crítica das nossas próprias práticas acadêmicas. Falar brasileiro implica em reconhecer as limitações das abordagens tradicionais e em buscar alternativas que sejam mais adequadas às realidades latino-americanas. Enrique Dussel, ao discutir a necessidade de uma ética da libertação, destaca que “o saber descolonial é um saber comprometido com a transformação social, e não apenas com a contemplação teórica” (DUSSEL, 2005, p. 42). Essa transformação começa na forma como lemos e interpretamos a literatura.

Em tom das criticidades que me ancoram, despojo este ensaio como uma visada consciente ao falarmos brasileiro, estamos contribuindo para a construção de um saber mais justo e inclusivo, que reconhece e valoriza a diversidade das experiências humanas. Aníbal Quijano conclui que “a descolonização do saber é uma tarefa inacabada, que exige o constante questionamento das estruturas de

poder que moldam nossas vidas e nossas mentes” (QUIJANO, 2000, p. 81). Nesse sentido, a literatura comparada descolonial é uma prática de libertação, que nos permite imaginar e construir um futuro em que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas.

Assim, falar brasileiro não é apenas uma escolha estética ou acadêmica; é uma postura ética e política, que se compromete com a luta pela descolonização do saber e pela valorização das culturas e identidades latino-americanas. A literatura comparada descolonial é, portanto, uma prática que vai além da mera análise textual, propondo uma leitura crítica e engajada, que busca transformar a realidade a partir da compreensão profunda e respeitosa das múltiplas vozes que compõem o nosso continente, não podendo ser de outra maneira, uma injeção amoderna, não moderna (NOLASCO, 2015, p. 67), aos passo contemporâneos que estamos caminhando nos incipientes capítulos da nossa contemporaneidade.

CONCLUSÃO

A proposta de integrar a teorização descolonial à prática da Literatura Comparada é um passo fundamental para a construção de um ensino superior, ora na graduação, ora na pós-graduação, que não apenas reconheça, mas também valorize as múltiplas vozes e experiências que compõem a diversidade cultural da América Latina (DO VALE; NOLASCO, 2021, p. 2024). A literatura, enquanto campo de conhecimento, deve ser um espaço de diálogo, onde as narrativas de diferentes contextos possam ser comparadas e reinterpretadas, permitindo que novas perspectivas emergjam. Essa abordagem não apenas enriquece a formação acadêmica, mas também contribui para a construção de um pensamento crítico que desafia as hierarquias estabelecidas no campo literário.

A prática da (des)comparação, proposta na fórmula “comparar para descomparar para re-comparar”, é essencial para que possamos estabelecer uma Literatura Comparada Descolonial que se distancie dos padrões eurocêntricos dominantes. Essa metodologia nos permite não apenas analisar obras literárias sob novas luzes, mas também questionar as premissas que sustentam as tradições literárias ocidentais. A partir da perspectiva de Edgar César Nolasco, a literatura deve ser entendida como um reflexo das experiências vividas e das realidades sociais, e não apenas como um produto estético isolado. Essa visão nos leva a

considerar as implicações sociais e políticas que permeiam a produção literária, especialmente em contextos marginalizados.

A importância de se ensinar (des)comparando no ensino superior reside na capacidade dessa prática de promover uma educação inclusiva e democratizadora. Ao incorporar vozes e narrativas de grupos subalternizados, o ensino de literatura pode se tornar um espaço de resistência e afirmação identitária. A literatura comparada descolonial não deve se limitar a uma mera análise técnica, mas deve ser um campo de investigação que busca compreender as relações de poder e as dinâmicas sociais que moldam as produções literárias. Nesse sentido, a crítica literária deve ser um veículo para a transformação social, permitindo que os estudantes desenvolvam uma consciência crítica em relação às estruturas de opressão que permeiam suas realidades.

Além disso, a formação de novos pesquisadores e mediadores de leitura deve ser repensada à luz das teorias descoloniais na América Latina (QUIJANO, 2005, p. 134). É fundamental que esses profissionais estejam preparados para lidar com a diversidade cultural e para promover um ensino que valorize as narrativas locais. A inclusão de autores e obras que representam a pluralidade da experiência latino-americana é essencial para que os alunos possam se reconhecer nas narrativas que estudam. A literatura, nesse contexto, se torna um espaço de identificação e pertencimento, onde as vozes historicamente silenciadas podem finalmente ser ouvidas.

A prática da (des)comparação também nos leva a refletir sobre a própria construção do conhecimento acadêmico. A epistemologia descolonial nos convida a questionar as hierarquias de saber que historicamente marginalizaram as produções culturais não ocidentais. Ao adotar uma postura crítica em relação às tradições literárias estabelecidas, podemos abrir espaço para novas formas de conhecimento que emergem de contextos diversos. Essa abordagem não apenas enriquece o campo da literatura comparada, mas também contribui para a formação de uma academia mais inclusiva e representativa.

A literatura comparada descolonial, portanto, não é apenas uma nova abordagem teórica, mas um compromisso ético com a diversidade e a inclusão. Ao ensinar (des)comparando, estamos não apenas ampliando o horizonte de possibilidades para a análise literária, mas também contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Essa prática nos permite reconhecer a

riqueza das experiências humanas que compõem a tapeçaria da literatura, valorizando as vozes que muitas vezes foram silenciadas ou ignoradas.

A integração da teorização descolonial à prática da Literatura Comparada é uma oportunidade para repensar o papel da literatura na formação acadêmica e social. Ao adotarmos essa perspectiva, estamos não apenas desafiando as normas estabelecidas, mas também promovendo um ensino que valoriza a diversidade cultural e a pluralidade de vozes. Essa abordagem é essencial para que possamos alcançar resultados ainda não alcançados no campo da literatura, permitindo que novas narrativas e perspectivas emergem e enriqueçam nosso entendimento da condição humana.

A proposta de integração entre a teorização descolonial e a prática crítica da Literatura Comparada, conforme discutido ao longo deste ensaio, representa uma mudança paradigmática no campo dos estudos literários. A incorporação de uma abordagem descolonial, fundamentada na prática da (des)comparação, desafia as bases tradicionais da Literatura Comparada, permitindo a emergência de novas perspectivas que não reproduzem os padrões eurocêtricos dominantes (DUSSEL, 2000, p. 51). A fórmula “comparar para descomparar para re-comparar”, inspirada pela visão do intelectual Edgar C zar Nolasco, sugere um caminho metodológico que privilegia a complexidade e a pluralidade das experiências culturais, especialmente aquelas oriundas da América Latina (DO VALE, 2022, p. 51).

Essa abordagem descolonial da Literatura Comparada no ensino superior   essencial para a constru o de um saber que reconheça e valorize as produ es fronteiriças e as epistemologias que emergem das margens. Ensinar (des)comparando  , portanto, uma prática que visa desestabilizar as narrativas hegemônicas e abrir espaço para a multiplicidade de vozes que compõem a história literária global. Ao (des)comparar, os estudantes são incentivados a questionar as hierarquias estabelecidas e a reconhecer as dinâmicas de poder que moldam as práticas literárias e críticas. Essa postura crítica   crucial para a forma o de acadêmicos comprometidos com a justiça social e a transforma o do campo dos estudos literários.

A prática de (des)comparar no ensino superior também possibilita a obten o de resultados ainda não alcançados, tanto em termos de produ o de conhecimento quanto na forma o de uma nova gera o de pesquisadores. Ao incorporar a teoriza o descolonial na sala de aula, os estudantes são desafiados a repensar as categorias e os conceitos que utilizam para analisar textos literários,

incentivando a criação de novas teorias e métodos que sejam mais adequados às realidades latino-americanas e outras realidades subalternas. Esse processo de criação teórica é, em si, um ato de resistência contra a colonialidade do saber, que ainda permeia muitas áreas do conhecimento.

Além disso, o ensino da Literatura Comparada Descolonial promoverá uma reavaliação crítica do papel do idioma na construção do saber literário. A subjetivação do idioma brasileiro, proposta como uma metáfora descolonial, enfatiza a necessidade de reconhecer a singularidade das experiências culturais e linguísticas dos povos latino-americanos (DO VALE, 2022, p. 50). Ensinar literatura comparada a partir de uma perspectiva descolonial implica em considerar o idioma brasileiro não apenas como uma variação do português, mas como um veículo de expressão cultural e identidade próprias, que deve ser estudado e valorizado em seus próprios termos.

Essa revalorização do idioma brasileiro, no contexto da Literatura Comparada Descolonial, contribui para a construção de uma epistemologia crítica que desafia as fronteiras (NOLASCO, 2015, p. 61) impostas pela colonialidade. Ao ensinar (des)comparando, os educadores têm a oportunidade de formar acadêmicos que não apenas dominem as técnicas tradicionais de análise literária, mas que também sejam capazes de utilizar essas técnicas de maneira crítica e criativa, adaptando-as às necessidades e desafios do presente. Essa formação é fundamental para que a literatura comparada continue a ser um campo dinâmico e relevante, capaz de responder às demandas de um mundo em constante transformação.

Portanto, a integração da teorização descolonial na prática da Literatura Comparada não é apenas uma questão de justiça epistêmica, mas também uma estratégia pedagógica eficaz para promover a inovação e a diversidade no ensino superior. Ao ensinar (des)comparando, os educadores estão contribuindo para a criação de um espaço acadêmico mais inclusivo e plural, onde todas as vozes podem ser ouvidas e onde novas formas de conhecimento podem ser produzidas. Essa prática pedagógica, além de desafiar as tradições estabelecidas, abre caminho para a construção de uma academia mais justa e equitativa, onde as produções culturais e literárias da América Latina e de outras regiões subalternizadas possam ser reconhecidas e valorizadas em toda a sua complexidade.

Quero pensar, no desfecho-inaugural deste ensaio, que a prática de ensinar (des)comparando, fundamentada na teorização descolonial, representa uma

ruptura com as abordagens tradicionais da Literatura Comparada e uma abertura para novas possibilidades de interpretação e análise. Essa ruptura é necessária para que possamos alcançar resultados que ainda não foram obtidos no campo dos estudos literários, resultados que valorizem a diversidade e a pluralidade das experiências humanas e que promovam uma compreensão mais profunda e crítica das obras literárias. Ao adotar essa abordagem, os educadores estão não apenas contribuindo para a descolonização do saber, mas também para a formação de uma nova geração de acadêmicos comprometidos com a transformação social e a justiça epistêmica.

Consciente do endosso latino-americano que nos reúne neste ensaio, saliento que ensinar (des)comparando no ensino superior é uma prática que vai além da simples transmissão de conhecimento; é um ato de resistência e de afirmação das vozes e das culturas que foram historicamente marginalizadas. Ao incorporar a teorização descolonial (MIGNOLO, 2008, p. 289) na sala de aula, os educadores estão promovendo uma revalorização da literatura e da crítica literária, que se torna, assim, uma ferramenta poderosa para a construção de um saber mais justo e inclusivo. Essa prática pedagógica, ao mesmo tempo que desafia as hierarquias estabelecidas, abre caminho para a construção de uma academia consciente dos efeitos reverberados pelo ponto de partida de tudo o que se pensa e constrói no espaço da pesquisa. Nesse preciso sentido, passa a ser condição *sine qua non* vislumbrar e permitir que a criticidade comparatista contemporânea-descolonial seja contemplada em suas esferas crítico-biográficas e, sobremaneira, a partir de pontos e questões adormecidos pela história do poder e agora passar a ser (re)presentadas.

Referências

- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1964.
- DO VALE, Fábio; NOLASCO, Edgar César. ARQUIVIVÊNCIA NOS ENTRE-LUGARES DA CRÍTICA LITERÁRIA. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, v. 2, n. 26, p. 211-227, 2021.
- DO VALE, Fábio. EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA NA AMÉRICA LATINA. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*, v. 1, n. 27, p. 37-54, 2022.

DO VALE, Fábio; NOLASCO, Edgar César. CRÍTICA COMPARATISTA BIOGRÁFICO-FRONTERRIZA CONTEMPORÂNEA. *Rascunhos Culturais*, v. 12, n. 23, 2021.

DUSSEL, Enrique D. *Filosofia da libertação*. Loyola, Unimep, 1977.

DUSSEL, Enrique. *Ética da libertação: na idade da globalização e da exclusão*. Vozes, 2000.

GIULIANO, Facundo (comp.). *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2018. La pregunta que luego estamos si(gui)endo: manifestaciones de una cuestión éticageopolítica, p. 11-68.

MIGNOLO, Walter. *Habitar la frontera*. Sentir y pensar la descolonización, p. 1999-2014, 2015.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 34, n. 1, p. 287-324, 2008.

NOLASCO, Edgar César (org.). *Eneida Maria de Souza: amizades perto do coração*; Campinas, SP: Pontes Editores, 2023.

NOLASCO, Edgar César. *Literatura Comparada Decolonial: Encruzilhada de Fronteiras*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2018.

NOLASCO, Edgar César. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). *Cadernos de estudos culturais*, v. 7, n. 14, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina 1. *A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais—Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

SANTIAGO, Silviano. *Fisiologia da composição: gênese da obra literária e criação em Graciliano Ramos e Machado de Assis*. Recife: Cepe, 2020.

SOUZA, Eneida Maria de. *Narrativas impuras*. Recife: Cepe, 2021.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

Artigo Recebido em: 13 de julho de 2024.

Artigo Aprovado em: 26 de setembro de 2024.